



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12054 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

DO ROMANTISMO AO VOO RASTEJANTE: TECENDO ENCONTROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fernanda Binda Alves Touret - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Sandra Kretli da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

DO ROMANTISMO AO VOO RASTEJANTE: TECENDO ENCONTROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

O presente estudo advém dos tempos da visão romântica não pandêmica, dos idos de 2020, ainda em vias orgânicas, onde nos localizávamos, sentindo nestes dias a docência que sempre, ou inconstante, vibrou em nós. Aquela que raia pelos olhos das infâncias, sendo atravessadas pelo inédito dos incessantes descobrires e das possibilidades infindáveis. Infâncias essas que não se constituem em sujeitos cimentados em seus corpos, mas sim, exploram, investigam, questionam, pois “[...] uma criança, um adulto e todo o resto podem se comunicar na invenção de uma infância por vir, em um exercício de fabulação, de abertura para o que não sabemos da infância e de questionamentos acerca do que cremos saber”. (KOHAN; FERNANDES, 2020, p.8)

Essa constante busca infantil nos encanta, nos rouba e nos detém pelos labirintos repletos de múltiplas entradas e diversas saídas ((DELEUZE; GUATTARI, 2011) de maneira aprazível e sedutora e desse modo verdadeiramente nos abraça, enredando-nos por este universo que nos sopra aos ouvidos de forma instigante.

Por essas vocalizações do corpo nos deixamos conduzir num caminhar orgânico e polinizador, atravessadas por linhas de fuga que nos arejam os modos de vida. E neste caminhar-voosomos absorvidas por uma docência que crê e se envereda pelos condutos do respeito aos

fazer infantis. Voo-passo que nos conduz a não pressupor descobertas, que desloca os tempos e abre espaço para o fluir das invenções e pensamentos, num fazer que toma por sentido o inédito infantil, que acredita e se entrega a essas potências.

Mas de repente, fomos atravessadas por uma “nova era”, aquela que nos impeliu a transitar da ‘docência à indecência’ de uma nova era-século. Contexto este tomado pela pandemia de COVID-19 que acometeu todo o planeta.

Neste cenário fomos interrompidas por avassalador processo que fendeu nossa linha do tempo em que nos encontrávamos num instante pelos quais os olhares se cruzavam, mas não só! Os braços se encontravam, os corpos pulsavam, e ainda pulsam, mas eram libertos. Neste tempo os fazeres das crianças, das docências e do currículo, se tornaram latentes, por assim dizer, indecentes.

Estávamos neste cenário em que nos diziam de alimentar afetos ao longe e fim. Nos prometiam um amanhã de condução teletransportada ao ponto da linha temporal entre as duas eras pelas quais atravessávamos, o “novo normal”. Ainda estávamos à procura das normas que constituíam esse normal, pois o novo tomava conta de mãos dadas com o nosso reflexo sem definição do que ainda éramos. E nesta era-século não alcançávamos as crianças, sendo lançadas a um voo rastejante que nos tirou a magia dos encontros, do contato e olhares.

Neste tempo em que despertamos, talvez tenhamos aberto sincronicamente os olhos internos. Arriscamos dizer que ademais! Pois tudo o que envolvia a docência se retraiu, em meio aos procedimentos impostos por condições assépticas, (des)lúdicas, inviáveis num currículo que se recusava a corromper os processos livres nos veios orgânicos dos fazeres das infâncias.

Tempo esse em que muitos se utilizavam da expressão multifuncional de “trocar as rodas com o veículo em movimento”, onde nos encontrávamos tendo a nítida impressão que as perdemos, todas as rodas, e somente o volante nos havia sobrado em mãos. Mas insistiam que podíamos guiar e o era possível. Imprimimos em nós a vitrificação da certeza de que também aquelas rodas seriam incapazes de nos guiar, se ainda as tivéssemos.

Ah, essa tentativa de nos extorquir o pouco de dignidade que ainda nos restava! Parte dela, confessamos, se esvaiu pelas rachaduras das ações iniciais em reafirmar os afetos à distância, sim e somente sim. Mal sabíamos que nos encapsulavam numa crisálida inversa, em que o processo de comutação nos levaria para uma fase anterior, desprovida de forças nas asas, mas nos disseram de alçar voos e que seria possível. E nesta era-século desembarcamos... Um tempo dormente, ainda pandêmico, crente de não sê-lo.

Nos localizamos pelos dispositivos digitais, mas lá verdadeiramente não estávamos... E nem as crianças, apesar de todo o contexto virtual preparado para "recebê-las" e juntos suscitarmos novos possíveis (imagem 1).



Imagem 1: acervo pessoal

As certezas que ainda nos restavam, ou inconstantes incertezas, eram aquelas que nos sobraram por sermos as românticas que nos diziam incuráveis. Aquelas dos afetos, dos encontros, mas até para isso pesquisavam a vacina. Um antídoto que nos fizesse guiar sem as rodas, voar sequer permeadas pelo processo necessário para que nossas asas tivessem forças para tal.

Dessa forma, cartografamos percursos como meio metodológico, ainda que através das telas, mensagens eletrônicas e áudios, pois a cartografia revela que “[...] uma das principais características [...] é a reflexão das intensidades do objeto que só são percebidas pelo cartógrafo na duração do estudo.” (VICENTE; SILVA, 2017, p. 4)

Eis que, após alguns dias de congelamento completo em meio ao vírus que nos assombrava, nos encontramos virtualmente: docentes, famílias, bebês e crianças bem pequenas. (BRASIL, 2018) (imagem 2). Abria-se a câmera, acionava-se o microfone e olhavam-se ainda sem saber o que de fato nos acometia. O bebê se desmanchava do colo da mãe, feito relógio da “Persistência de Memória” de Salvador Dali, ecoando modos outros de existir, enquanto desmontava pontos de equilíbrio dos encontros idealizados pelas óticas adultizadas.



Imagem 2: acervo pessoal

Mas existir é o mundo e não cabe na tela do “encontro” produzido sem realmente ser em potência. As vibrações acolhiam ressonância na bacia, no barro, na água da chuva, nas forças de existir por entre os veios brincantes.

Meninos e meninas encontravam produção de sentido nos signos emitidos pelas texturas, pelas bandas musicadas com as panelas de casa, em meio ao pé deslizante que avistava buracos onde cabia o dedo (imagem 3) e o mundo se abria pelo modo dos possíveis, enquanto os olhares das famílias compunham as descobertas onde antes habitavam a infância dos “ainda”... (KOHAN, 2005) Ainda não fala, não anda.



LAURA E A POÇA - 1a 3m

Durante a primeira proposta sobre a pesquisa dos sons, Laura sai com sua mãe (Raquel) para explorar o caminho e os sons que as cercam.

Junto a uma pequena poça em uma tampa de ferro no chão, sua mãe solicita que ela mexa para perceber o barulho, então inicia sua exploração com as mãos, num movimento de vai-e-vem contínuo.

Laura percebe o deslocamento da água e Raquel a convida para ouvir o som produzido naquele movimento. Curiosamente, em dado momento, outros sons da rua convocam momentaneamente sua atenção, o que a faz virar a cabeça para localizá-los. Mas logo Laura volta a explorar a poça, trocando a mão nesta ação. Desta vez realiza tentativas com movimentos mais fortes, batendo na água, e depois diversifica suas investigações levantando-se. Então, começa a bater os pés para perceber qual seria a nova reação causada no líquido e os sons que produz.

Em meio às pisadas, avista um pequeno buraco em que compreende caber a ponta de seu dedo. Logo em seguida passa a mão na tampa, como se quisesse mover a água para o pequeno orifício.

Laura percebe que o mundo é feito de sons, mas não somente deles. Entende todas as texturas e sensações que envolvem seu meio.

Imagem 3: Relato enviado às famílias

Seguimos tecendo linhas de fuga pelos achadouros dos percursos aprendentes, em pontos perpassados pelas trajetórias pulsantes de vida. E nesse tecer-traçar uma composição

melódica se compunha por entre os caminhos de terra, brinquedos e elementos da natureza por onde os corpos infantis vivenciavam fagulhas vitais, ainda que alguns adultos esperassem por seguir prescrições. Mas o fato é que não se prescreve a vida!

Por entre “on e off-lines”, as linhas nos perpassavam e muitas vezes nos tomavam as forças de vida, o pequeno se tornava grande, quando seguia nos mostrando que pelo coletivo (des)conectado existiam, e ainda existem, muitos possíveis em pulsar vidas aprendentes por meio dos afetos.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação Infantil. Bebês. Pandemia

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011, 128 p.

KOHAN, Walter O. Da maioria à minoria: filosofia, experiência e afirmação na infância. In: KOHAN, Walter O. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KOHAN, Walter Omar; FERNANDES, Rosana Aparecida. Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046236273>. Acesso em 27 fev. 2022.

VICENTE, Bruna Gabriela Corrêa; SILVA, Débora Cristina Santos e A Cartografia de Deleuze e Guattari como metodologia de pesquisa. **ANAIS IV Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG**, out. 2017. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/10001/7206>. Acesso em: 04 mar. 2022.